

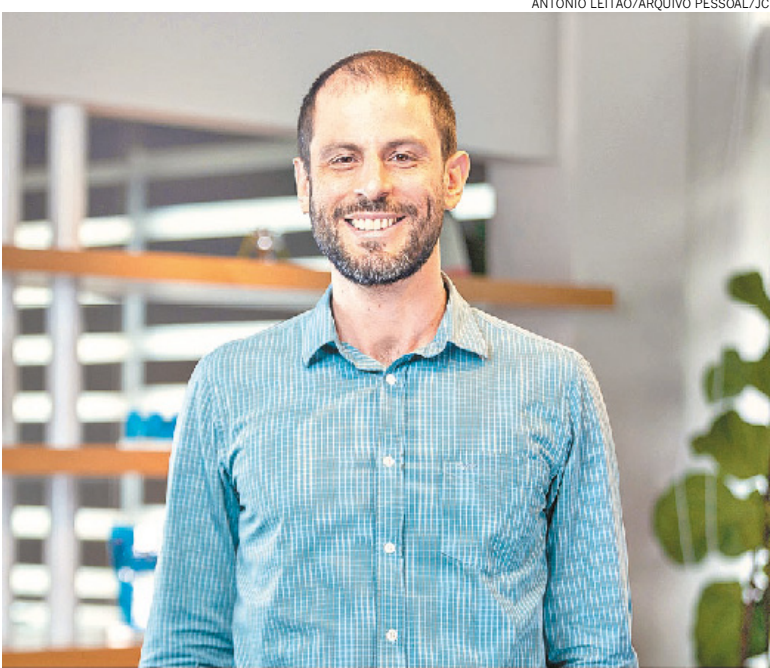
Dependência da aposentadoria pública é arriscada e não supre todas as necessidades

A dependência da aposentadoria pública como principal estratégia de planejamento representa um risco, segundo especialistas. “Se você põe na mão do Estado a responsabilidade do seu sustento, saiba que não vai ser suficiente”, afirma a psicóloga especialista em Psicologia do Dinheiro, Valéria Meirelles. A preocupação não se restringe aos trabalhadores da iniciativa privada e aos autônomos. Servidores públicos e profissionais que hoje possuem renda elevada também podem enfrentar uma queda significativa nos ganhos após a aposentadoria.

A perda de benefícios e vantagens que integram o orçamento durante a vida profissional pode alterar de forma importante a capacidade de consumo. O risco é tentar manter o mesmo padrão de vida sem considerar a nova realidade financeira. “Quanto tempo você acha que vai viver? Quanto vai custar?”, questiona. Para Valéria, a preparação financeira para a velhice não está relacionada apenas à capacidade de pagar contas, mas também à autonomia das pessoas e à relação entre recursos financeiros e poder de decisão. Uma pessoa que sempre administrou a própria vida pode, diante da falta de dinheiro, passar a depender de filhos ou outros familiares para movimentar recursos, pagar despesas e tomar decisões cotidianas. “Saúde mental e saúde financeira estão alinhadas”, resume.

Para o especialista em longevidade do Instituto de Longevidade MAG, Antônio Leitão, um dos problemas é não acreditar na própria longevidade, pois muita gente pensa que vai viver até os 75, mas pode viver até os 90, 100 anos. “Não conhecer a importância de meios de proteção, como um bom seguro de vida ou plano de previdência também é outro erro. Um seguro pode ajudar, por exemplo, quem não conseguiu guardar dinheiro suficiente, mas de repente fica doente e precisa de auxílio financeiro por um tempo”, argumenta.

Outra questão, segundo o especialista, é não conhecer os pontos básicos da educação financeira, como consumir de forma consciente, aprender a fazer renda extra e saber investir mi-



ANTÔNIO LEITÃO/ARQUIVO PESSOAL/JC

Leitão diz que um dos problemas é não acreditar na própria longevidade

nimamente para fazer o dinheiro crescer.

Mesmo aos 50 anos, há tempo para rever escolhas, definir prioridades e reorganizar os recursos. O primeiro passo, segundo Valéria, é estabelecer uma visão concreta do futuro. “Como você vai querer chegar aos 80?”, provoca. A pergunta ajuda a transformar um horizonte distante em uma meta e o planejamento não se limita à formação de uma reserva, envolve também a manutenção da saúde, da capacidade funcional e a previsão de despesas que tendem a aumentar com o avanço da idade.

“Você tem que abrir mão de alguma coisa hoje para ter posses no futuro”, pontua Valéria. O problema é que, na prática, a lógica do consumo costuma falar mais alto. A cultura do “eu mereço” e o prazer imediato proporcionado por uma compra tornam mais difícil priorizar um benefício que só será percebido anos ou décadas depois. Ela dá como exemplo uma televisão adquirida para assistir a uma Copa do Mundo: a compra pode estar associada à reunião da família, à recepção de amigos e à experiência de acompanhar o evento em casa. Depois que a competição termina, no entanto, a necessidade e o desejo podem perder força. “O gasto permanece. A satisfação, não necessariamente”, diz.

Sobre as maneiras de equilibrar o planejamento para o futuro com os gastos atuais, Leitão diz ser uma realidade que requer

ainda mais educação financeira, estabelecimento de prioridades, conhecimento dos próprios direitos sociais e capacidade e vontade de fazer renda extra. “Sabemos que a renda média do brasileiro fica ao redor de R\$ 3 mil e que 80% da população está endividada, então consumir de forma consciente e conhecer as próprias receitas e despesas é um ponto básico. Se estiver faltando dinheiro mesmo consumindo de forma consciente, é hora de pensar em como ganhar mais”, aponta.

Segundo o especialista, existem alguns pilares estratégicos que ajudam a reorganizar a vida financeira e o primeiro deles é poupar mais. Mas como poupar mais sem conhecer receitas e despesas muito bem? Por isso, a primeira ação é conhecer para onde está indo o dinheiro e quanto dinheiro efetivamente está chegando.

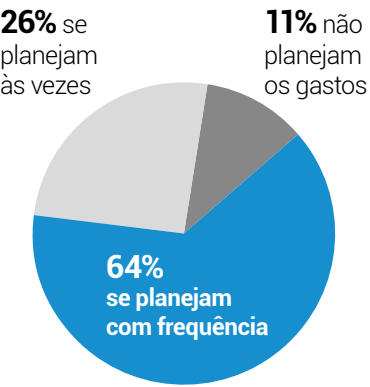
“É olhar para a conta sem medo com o objetivo de resolver. E poupar mais requer consumir de forma consciente, ou seja, entender se realmente a pessoa está comprando o que precisa ou pode cortar ou substituir gastos”, explica. Outro ponto importante é estar atento a alternativas para gerar renda extra. É possível usar conhecimentos e tempo livre para aumentar a renda, produzindo algo para vender ou até negociando o que não usa mais. Essas são algumas estratégias que precisam ser colocadas em prática no dia a dia.

O que diz a pesquisa O planejamento financeiro do Brasileiro: da consciência à prática

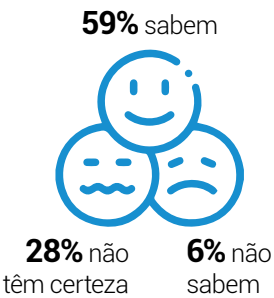
Como os brasileiros planejam as finanças

- 27% extremamente planejadas
- 32% razoavelmente planejadas
- 41% pouco ou nada planejadas

Frequência de planejamento de gastos dos brasileiros



Sabem quanto é a renda mensal



Sabem quanto gastam por mês

- 41% sabem
- 52% não têm certeza
- 7% não sabem

Entre as pessoas que se consideram planejadas

- 74% sabem
- 19% não têm certeza
- 3% não sabem

Se possui reserva financeira

- 59% possuem
- 43% não possuem

Entre as pessoas que se consideram planejadas

- 79% possuem
- 21% não possuem

Maioria da população das classes ABC não consegue obter renda que supere suas despesas

39% gastaram mais que a renda

- 35% gastaram aproximadamente o que ganham
- 23% gastaram menos do que a renda

Entre as pessoas que se consideram planejadas

- 22% gastaram mais que a renda
- 34% gastaram aproximadamente o mesmo
- 42% gastaram menos do que a renda

Aposentadoria

